



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS I

CENTRO DE EDUCAÇÃO – DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

MARINA JÉSSICA OLIVEIRA RODRIGUES

O PROFESSOR COMO MEDIADOR DO CONHECIMENTO FILOSÓFICO

CAMPINA GRANDE – PB

2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA

CAMPUS: CAMPINA GRANDE

CENTRO: CEDUC

MARINA JÉSSICA OLIVEIRA RODRIGUES

O PROFESSOR COMO MEDIADOR DO CONHECIMENTO FILOSÓFICO

Relatório de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Nilton
Conserva de Arruda

CAMPINA GRANDE – PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R696p Rodrigues, Marina Jéssica Oliveira.
O professor como mediador do conhecimento filosófico
[manuscrito] / Marina Jéssica Oliveira Rodrigues. - 2019.
23 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2020.
"Orientação : Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda ,
Departamento de Filosofia - CEDUC."
1. Ensino de filosofia. 2. Relato de experiência. 3. Estágio
supervisionado. I. Título
21. ed. CDD 107

MARINA JÉSSICA OLIVEIRA RODRIGUES

O PROFESSOR COMO MEDIADOR DO CONHECIMENTO FILOSÓFICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda

Aprovado em: 20/11/2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Julio Cesar Kesting

Universidade Estadual da Paraíba (UEP

AGRADECIMENTOS

A Deus, que até aqui tem demonstrado Seu grande amor para comigo, através de suas bênçãos maravilhosas nesta longa caminhada aqui na terra.

A meus avós, Rita e Antônio, que sempre me deram apoio e amor, em especial a minha avó que já não mais está aqui no nosso plano terreno, mas deixou em mim seu legado de incentivo.

Aos meus filhos, que são meu alicerce, neles encontro motivação para atingir meus propósitos; a minha tia Mariluce que sempre me incentivou para que eu atingisse este objetivo de vida, bem como pela educação moral e pôr me proporcionar a alegria.

Aos meus amigos, que contribuíram de forma direta e indireta ao longo desta jornada.

A Wamberg, que durante todo esse tempo me deu forças para conclusão deste relatório.

Ao meu Orientador, professor José Nilton Conserva de Arruda, a quem muito admiro como pessoa e como profissional.

UEPB



UEPB

Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.

Paulo Freire

RESUMO

O Estágio é entendido como eixo articulador da produção do conhecimento em todo o processo de desenvolvimento do currículo do curso. Baseia-se no princípio metodológico de que o desenvolvimento de competências profissionais implica “pôr em uso” conhecimentos adquiridos, quer na vida acadêmica, quer na vida profissional e pessoal. O presente relatório de Estágio Supervisionado em Filosofia descreve em seu conteúdo os eventos e atividades relacionadas às experiências vividas durante o período de observação na Escola Estadual Dom Aduato. Apresenta também uma abordagem teórico-filosófica acerca da importância do ensino de filosofia para a formação do cidadão. Utilizando-se de recursos como a observação, e diálogos informais, verificamos que a disciplina filosofia no ensino médio, na prática, ainda se encontra muito distante das expectativas teóricas e das determinações programáticas curriculares do MEC.

Palavras-chave: Ensino de filosofia. Relato de experiência. Estágio supervisionado



ABSTRACT

The Internship is understood as the articulating axis of the production of knowledge throughout the development process of the course curriculum. It is based on the methodological principle that the development of professional competences implies "putting into use" acquired knowledge, both in academic life and in professional and personal life. The present Supervised Stage in Philosophy report describes in its content the events and activities related to the experiences lived during the observation period at the Dom Adauto State School. It also presents a theoretical-philosophical approach on the importance of teaching philosophy to the formation of the citizen. Using resources such as observation, and informal dialogues. Using resources such as observation and informal dialogues, we find that the discipline of philosophy in high school, in practice, is still very far from the theoretical expectations and the curricular programmatic determinations of the MEC.

Keywords: Teaching philosophy. Experience report. Supervised internship



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO PEDAGÓGICO.....	9
2.1 Organização geral.....	9
2.2 Estrutura física/ material da E.E.E.F.M. Dom Adauto.....	9
3 DESENVOLVIMENTO DO ESTÁGIO.....	10
3.1 Relato de regência.....	14
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS.....	23

UEPB

1 INTRODUÇÃO

O Estágio Curricular constitui um momento de aquisição e aprimoramento de conhecimentos e de habilidades essenciais ao exercício profissional e tem como função integrar teoria e prática. Trata-se de uma experiência com dimensões formadora e sócio-política que proporciona ao estudante a participação em situações reais de vida e de trabalho, consolida a sua profissionalização e explora as competências básicas indispensáveis para uma formação profissional ética e corresponsável pelo desenvolvimento humano e pela melhoria da qualidade de vida.

A partir de 2008, com a regulamentação da disciplina de Filosofia para o ensino médio (segundo a Lei nº 11.684 de 02/06/2008), muitas carências são constatadas, tanto em relação aos profissionais formados na área, quanto dos materiais didáticos necessários para um melhor desempenho da transmissão do conteúdo junto aos estudantes. No entanto, nossas atividades de estágio na escola (trabalho de campo) nos mostram que a realidade do cotidiano escolar, além de se distanciar do ideal que, por vezes, encontramos durante a graduação, também se traduz num ambiente hostil para o pleno desenvolvimento da demanda filosófica. Foram inúmeros os problemas percebidos durante o exercício do Estágio Supervisionado em Filosofia e é a partir desse foco que nos baseamos nesse relato, ou seja, a relação entre teoria e práxis.

Durante o primeiro semestre de 2015, no Componente Curricular Estágio Supervisionado I, do Curso de Filosofia da UEPB, recebemos orientação para o trabalho de campo, numa perspectiva de estágio como pesquisa, buscando a superação da fragmentação entre teoria e prática. Nessa etapa do estágio supervisionado em filosofia, objetivou a inserção do estagiário na escola, buscando entender o seu funcionamento e coletando dados e, principalmente, a observação de aulas na disciplina filosofia em turmas do Ensino Médio. Dentre outros aspectos, analisamos a constituição estrutural da escola em questão, seus recursos e meios disponibilizados para a realização do ensino e a situação (formação e situação funcional) do profissional da educação responsável pela disciplina Filosofia. A observação do espaço físico da escola e do seu funcionamento, seguindo um roteiro preestabelecido pelo orientador do estágio supervisionado. Além disso, aplicamos um questionário com perguntas objetivas junto ao professor

responsável pela disciplina de filosofia com o objetivo de obter informações sobre sua formação acadêmica, experiência profissional e dificuldades que o mesmo enfrenta no processo de ensino-aprendizagem da filosofia.

2. CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO PEDAGÓGICO

2.1. Organização geral

A escola é simples e sofre com a estrutura física, pelo fato de ser a única escola estadual do município, e para atender a grande demanda de alunos, improvisam salas extras através de prédios alugados aos redores da instituição. Essa falta de apoio interfere no aprendizado dos alunos, e dificulta o trabalho dos professores, afetando todo o desenvolvimento escolar.

É importante ressaltar que os dados coletados no trabalho de campo foram coletados durante um período aproximado de quatro semanas. Para isso, utilizamos a observação do espaço físico da escola e do seu funcionamento, seguindo um roteiro preestabelecido pelo orientador do estágio supervisionado.

2. 2. Estrutura física/ material da E.E.E.F.M. Dom Adauto

- Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dom Adauto.
- Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Paraíba.
- Quanto à estrutura física atual a escola é constituída por 6 (seis) salas de aula, que funcionam nos três turnos, com turmas de 5^a a 8^a séries e com o ensino médio.
- Conta ainda com sala para diretoria, sala de professores, banheiros, cantina, biblioteca e laboratório de informática.
- Esta unidade de ensino possui aproximadamente 415 alunos.
- Localização: Rua Adalberto Pereira de Melo N° 18, no centro da cidade de Juarez Távora, no Estado da Paraíba.
- Níveis de ensino Fundamental e Médio.

- A escola funciona os três expedientes, sendo pelos turnos manhã e noite o Ensino Médio, no período da tarde o Ensino Fundamental II.

3. DESENVOLVIMENTO DO ESTÁGIO

Filosofia ocupa um espaço importante na atividade de esclarecer conceitos fundamentais na vida humana e serve de instrumento de orientação para a resolução de problemas colocando o aluno como agente ativo na busca do conhecimento, enfatizando os aspectos do "aprender a aprender" e "aprender fazendo", bem como fornecendo componentes importantes para formação e transformação da sociedade. Durante todo o período de inserção na escola um dos aspectos percebidos e que se pode destacar como sendo um dos problemas mais recorrente é o da frequência dos alunos às aulas.

No dia 09 de agosto de 2016 teve início minha observação no Colégio Estadual Dom Adauto. Tive um excelente acolhimento por todos no colégio inclusive pela professora regente Ana Danielle, além da diretora Jacqueline Pontes Farias. Pude observar que a Instituição de Ensino é de pequeno porte contendo assim 6 (seis) salas de aula, que funcionam nos três turnos, com turmas de 5^a a 8^a séries e com o ensino médio. Esta unidade de ensino possui aproximadamente 415 alunos. A diretora me apresentou a gestão escolar. Conversamos sobre os horários de aulas, foi notável a preocupação com que a diretora e a professora tiveram, para comigo. Acertados os horários de aula e ficando combinado de iniciarmos naquela mesma semana.

Meu primeiro contato com a turma aconteceu na terça-feira, dia 09 de agosto a convite da professora Danielle, onde assisti a uma aula no 3^o ano C. Nessa aula o professor apresentou-me a turma, composta de aproximadamente 45 alunos. Fui sentar no fundo da sala com a intenção de ter uma visão privilegiada da turma. Alguns alunos ficaram encabulados com a minha presença, porém não hesitaram em conversar com os colegas.

Durante o período de observação pude perceber que as aulas ministradas pela professora regente eram criativas quanto aos conteúdos ministrados, porém ela utilizava quase sempre a mesma metodologia. Com uma faixa etária entre 14 a 19 anos, as turmas são bem variadas e meio inquieta, com alunos interessados e alunos desinteressados. A

maior quantidade de turmas em funcionamento está no turno da manhã, com predominância do nível médio.

Nas turmas em que fiz a observação, os alunos são bem agitados em sua maioria, dispersam um pouco, mas prestam atenção nas horas devidas. Tem muitos alunos aplicados, dedicados e atentos a explicação da professora, mas tem alguns que nem abrem o caderno. Outro fato que chama atenção é que, a escola fica em frente à praça central o que faz com que os alunos queiram estar fora da escola, isto acontece frequente no turno da noite.

As conversas são múltiplas, elas estão distribuídas pela sala, para qualquer lado que olho, existem alunos conversando, a conversa expressa interação, socialização e solidariedade de grupo. A professora explica a atividade, os alunos prestam atenção, mas ainda existem alguns focos de conversas pela sala. A atividade é sobre os conceitos de *caos* e *cosmos*, a professora usa o mesmo conteúdo e método de exposição para todas as turmas. Uma observação importante e que merece registro é que o livro didático é o mesmo para todas os anos letivos, sendo um livro para 2 alunos.

Quanto ao desempenho do discente são muitos os pontos relacionados, um deles é a falta de uma política educacional séria e de efeito que possa ajudar a manter o aluno na escola, pois nas instituições de ensino ouve-se falar muito em flexibilidade, porém esta só existe na teoria porque na prática a realidade é outra; a falta de acompanhamento e participação da família permite aos alunos uma liberdade, onde eles se acham donos da razão chegando até agredir verbalmente o professor como acontece bastante; outro item importante é a falta de recursos para os professores melhorarem a qualidade de sua aulas e assim torná-las mais dinâmica e interessante para os alunos.

Existem quatro 1º anos, sendo “A e B” pelo turno da manhã e o “C e D” funciona a noite. A imaturidade, a mudança do corpo e a transição entre a fase de criança para adolescente, a falta de incentivo no espaço físico escolar, torna extremamente difícil a realização da aula e o aprendizado em si; a escola não dispõe de materiais metodológicos que ajudem o alunato nem tão pouco professor, o que é lamentável para o desenvolvimento da educação, ou seja, um atraso para o alunato da escola pública.

Os alunos dos 1º anos apesar de terem quase a mesma idade são bastante diferentes, apresentando comportamento muito bem distinto, com alunos mais calmos, atenciosos, mas com outros que são dispersos, inquietos e não tem focos nos estudos. Uma das dificuldades perceptível é o uso do celular, o que dispersa a atenção do alunato.

Pude notar que a maior dificuldade encontrada é no 1º ano C, a turma no geral tem pouco interessados na aula de filosofia, certamente o desinteresse é decorrente das imensas dificuldades na leitura, do mesmo modo na interpretação dos textos apresentados. A professora demonstra grande dificuldade em dominar a turma, não consegue inserir ou repassar sua aula planejada, no entanto a mesma usa algumas artimanhas para chamar a atenção, ela demonstra com clareza sua insatisfação. No entanto toda regra tem exceção, existe, sim, alunos que demonstram interesse e querem estudar, que tem um pensamento crítico, compreendem e se esforçam, mas infelizmente são prejudicados pelos demais que não demonstram interesse.

Uma dúvida havia se formado a respeito do comportamento dessa turma, se era apenas uma dificuldade na disciplina de filosofia ou também nas demais disciplinas o mesmo comportamento se repetia? Em conversa entre os professores, ouvi os demais falando sobre os alunos, e ficou claro que este é comportamento que se apresenta em todas as disciplinas.

Ao contrário do que todos falavam, percebi nessa turma um desafio, uma necessidade de mudança de metodologia, tentar fugir de uma rotina que alguns alunos consideravam patética. É desanimador para um professor se deparar com essa turma, e para quem está observando causa um sentimento inexplicável que não é medo, mas de receio, e ao mesmo tempo um surgimento de esperança de que talvez outra metodologia pudesse dar certo.

Outro fator que percebi foi o fato da aula de filosofia ser o primeiro horário, aonde os alunos chegam quase no fim da aula, e o aproveitamento mínimo, percebi também que eles só dão um pouco de importância às disciplinas de português e matemática, acreditam e tratam filosofia como uma disciplina que não reprova, e já que irão passar para que estudar? O que mais uma vez é lamentável.

Além disso, os alunos ainda apresentam outras dificuldades básicas como: interpretação e construção de texto que acabam prejudicando todas as outras áreas do conhecimento faltam de estímulo interior (alguns dos discentes não possuem perspectivas quanto ao futuro, são descrentes, não querem aprender e desvalorizam os conhecimentos e experiências que o professor deseja transmitir em sala de aula).

A experiência de estágio me fez ver que o professor não pode ser apenas um transmissor de conteúdo, mas também deve participar ativamente na vida dos alunos, deve ser um mentor, um regente, um guia e um influenciador. Deve estimulá-los a expressar suas ideias sem reprimi-las. Sabemos das pressões da escola e do desgaste em sala de aula que o professor tem, mas estar à frente de uma classe é uma enorme responsabilidade, pois há vidas humanas a serem trabalhadas. Os alunos têm sentimentos, têm atitudes e percebem tudo. Seus potenciais têm que ser descobertos pelo professor e este não deve jamais subestimá-los.

Ao observar as turmas de 2º anos, é notável a mudança de comportamento os alunos são atentos gostam de debates, questionam discordam, mas principalmente interagem com frequência. A professora trabalha com o livro didático e também utiliza outros recursos, realiza trabalhos em grupos, fazendo com que o aluno busque outros meios de pesquisa e precise ir além do livro didático. A cada dia um momento diferente, acontecimentos que envolviam os alunos e que chamavam a atenção para as aulas.

Por falta de espaço e sem opção, os 3º anos estão funcionando dentro da sala de computação, o espaço é pequeno por causa dos computadores o que torna bastante incômoda a realização da aula.

Um fator extremamente negativo para o aprendizado da filosofia nesta etapa é sua atenção voltada para as provas do que esses alunos estão com tensão maior, porque ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio).

Se a maior parte dos alunos apresenta dificuldades na compreensão dos conteúdos trabalhados na disciplina Filosofia, não a entendem, não compreendem sua função social e, portanto, não manifestam muito interesse pelos conteúdos trabalhados, assim como fazem com outras disciplinas. Os alunos preferiam dedicar-se a atividades de matérias consideradas mais difíceis e importantes para o ENEM, daí abrirem os

cadernos destas disciplinas alheias a disciplina filosofia no momento da aula ou se entregavam a qualquer outro tipo de distração.

Não obstante todas estas barreiras desfavoráveis ao ensino, as turmas tinham uma relação amistosa com a professora que conseguia amenizar com desenvoltura e simpatia as dificuldades para ministrar as aulas. Surpreendentemente, é interessante notar que as consequências desta boa relação entre aluno e professor são mais frutíferas do que se imagina, pois é através dela que muitos alunos nem se quer notam as dificuldades ou, se notam, não parecem tão incomodados, e conseguiam até despertar a curiosidade para outros temas.

3. 1 Relato de regência

O Estágio I II e III foi um período em que busquei vincular aspecto teórico com aspectos práticos. Foi um momento em que a teoria e a prática se mesclaram para que fosse possível apresentar um bom resultado. E, sobretudo, perceber a necessidade em assumir uma postura não só crítica, mas também reflexiva da nossa prática educativa diante da realidade e a partir dela, para que possam buscar uma educação de qualidade, que é garantido em lei (LDB - Lei nº9394/96).

Apesar de estar extremamente nervosa tentei não demonstrar para turma, mas posso ressaltar com garantia que foi uma experiência totalmente inesquecível. Não posso falar com precisão se ministrei uma boa aula, mas alcancei o meu objetivo, conquistei a atenção dos alunos, como também confiança.

Minha primeira aula pratica me fez perceber que cada um que estar ali tem sonhos e realidades diferentes, me proporcionou o prazer de repassar algum conhecimento mais principalmente interagir e aprender com eles. A teoria não está desvinculada da prática, nem a prática esta da teoria. Apresentei a seguinte proposta:

- **TEMA**
O que é Filosofia

- **CONTEÚDO**
A Atitude Filosófica: Filosofia e a vida cotidiana- A crítica do mundo cotidiano.

- **OBJETIVO GERAL**

Possibilitar aos alunos um contato direto com um texto filosófico.

- **OBJETIVOS ESPECÍFICOS-**

- Ilustrar a partir da imagem do prisioneiro que se liberta da caverna, o que vem a ser a atitude filosófica.

- Refletir sobre ilusões e preconceitos presentes em nossa sociedade.

- Discutir a importância de tentar enxergar para além das aparências, para além daquilo que é comumente aceito como certo, enfim, de desenvolver a consciência crítica.

Introduzir informações sobre Platão, sua época e seu pensamento.

METODOLOGIA

Verificar conhecimentos prévios dos alunos acerca do que é filosofia.

Distribuição dos textos aos alunos.

Considerado dessa maneira, o sentido do conhecimento que é desenvolvido em sala de aula é teórico-prático à medida que para ensinar o professor estabelece relações necessárias para desenvolver os conceitos. Dessa forma o conhecimento não acontece em um momento teórico e em outro prático.

Tendo como ponto de partida os conhecimentos teóricos estava na hora de coloca-los em pratica, e assim o fiz. Conversei com a professora regente e entramos no acordo de ministrar os assuntos que estavam no plano anual da escola e a própria me proporcionou a liberdade de ministrar outros que achasse interessante. Tive a satisfação de ministrar aulas no 1º,2º e 3º do ensino médio, assim tendo a oportunidade de conhecer as três séries.

É notável que a melhor maneira de chamar atenção dos jovens é descontrair com eles, mas com respeito de ambas as partes. Apesar da agitação dos alunos, consegui lecionar o assunto planejado para turma.

Enfim foi uma experiência surpreendente que me fez repensar em alguns conceitos, me fez perceber que estou no caminho correto que a profissão de professor é árdua, ao mesmo tempo em que é gratificante, pude perceber que mesmo sem valorização merecida o professor é a ferramenta fundamental para o desenvolvimento do ser humano.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Essa fundamentação teórica da pedagogia desenvolvida por Paulo Freire é articulada a partir de uma experiência vivida, isto é, ele postula sua pedagogia como uma resposta aos desafios concretos que pôde vivenciar na sua longa experiência como educador. Sua convivência com educandos carentes e pobres das periferias do mundo rural e urbano dos países subdesenvolvidos possibilitou que ele concebesse o processo de alfabetização levando em consideração a trajetória pessoal de cada educando, se realizando como a narrativa de sua biografia, “Talvez seja este o sentido mais exato da alfabetização: aprender a escrever a sua vida como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historicizar-se” (FREIRE, 2014, p.12). O processo de alfabetização concebido por Freire tinha como foco que o alfabetizando tomasse a sua própria vida como ponto de partida para seu aprendizado.

O discurso pedagógicos-críticos proposto por Freire propunha contribuir para a formação da consciência do sujeito, à medida que associam valores identificados como transformadores, moldando as maneiras de pensar e existir, dessa forma considerava-se que “a autoridade docente mandonista, rígida, não conta com nenhuma criatividade do educando” (FREIRE, 1996, p. 28). Combinando a mediação do professor com a autonomia criativa do educando, refletindo sobre sua própria realidade, sua pedagogia assume uma conotação explicitamente política.

A meta principal é promover o acesso ao mundo real, superando as aparências impostas por interesses que muitas vezes são estranhos ao próprio indivíduo, ou seja, prometem o conhecimento do mundo e sua transformação, sendo possível, assim, o conhecimento da própria verdade, que só pode ser encontrada após se afastarem das aparências. O saber escolar é apresentado como um caminho para se atingir tal visão, desde que seja construído com autonomia:

O educador já não é o que apenas educa, mas o que enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando, que, ao ser educado, também educa. Ambos assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os argumentos da autoridade já não valem [...]. Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis, que, na prática “bancária”, são possuídos pelo educador, que os descreve ou os deposita nos educandos passivos (FREIRE, 1975, p. 78).

O elemento central nesta pedagogia é a compreensão dessa construção coletiva do conhecimento. A pedagogia do oprimido é caracterizada como uma proposta problematizadora em relação aos conteúdos, pois deverá se afastar da ideia de transmissão de um conteúdo definido previamente e apresentado como verdade inquestionável, pois o conteúdo do conhecimento deverá ser construído em diálogo com os educandos. Os saberes escolares, ou a tradição cultural, são tidos como instrumentos que possibilitam atingir essa visão verdadeira e essencial da própria experiência e do mundo, na verdade, através desses conhecimentos se alcançaria uma forma de pensar superior.

O livro *Pedagogia da autonomia* de Paulo Freire é um excelente exemplo das convicções que se formaram em torno deste modelo de educação, acreditando-se ser ela um instrumento capaz de transformar o mundo, capaz de mudar as condições humanas:

A importância do papel do educador, o mérito de paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo. [...]. O professor que pensa certo, deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de intervindo no mundo, conhecer o mundo. (FREIRE, 1996, p. 26-27)

Paulo Freire trata da questão da formação docente ao lado da reflexão sobre a prática educativo-progressiva em favor da autonomia dos educandos. Para tanto, apresenta uma série de exigências que devem ser seguidas pelos educadores, a fim de torná-los capazes de exercerem sua função pedagógica enquanto instrumento de transformação da própria condição humana, criando as possibilidades para a produção ou construção do conhecimento.

Ensinar não se esgota no tratamento do objeto ou do conteúdo, todavia se alonga à produção de condições em que aprender criticamente é possível, exigindo a presença de educadores e educandos criativos, investigadores e inquietos. Nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos e educadores vão se transformando em reais sujeitos da construção e reconstrução do saber ensinado.

Grande parte do processo de transformação ou progresso dos alunos em relação à sua condição anterior é de responsabilidade do professor. Libâneo esclarece o papel do educador:

O trabalho docente constitui o exercício profissional do professor e este é o seu primeiro compromisso com a sociedade. Sua responsabilidade é preparar os alunos para se tornarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho, nas associações de classe, na vida cultural e política. É uma atividade fundamentalmente social, porque contribui para a formação cultural e científica do povo, tarefa indispensável para outras conquistas democráticas. (LIBÂNEO, 1994, p. 47).

O professor seria como uma ponte entre as condições de origem do aluno e sua destinação na sociedade, a medida em que promove as condições e os meios que assegurem o encontro do aluno com o conhecimento. Em outras palavras, espera-se que o aluno supere sua visão parcial de mundo, ou seja, a educação crítica corrige o saber prévio trazido pelo aluno, que neste sentido é inadequado (retrógrado) face aos graus mais elevados de conhecimento.

Enfim, através dos saberes escolares acontece uma transformação, pois os alunos realizam um movimento de progresso de suas consciências e de seus modos de ser. Isto acontece através de um deslocamento dos indivíduos em relação a si próprios, alterando sua maneira de pensar e de intervir nas práticas sociais. Através desse processo, os educandos afastam-se dos seus conhecimentos anteriores e superam sua ignorância, pois se tornam superiores ao que eram no início do processo pelo exercício e pela subjetivação de discursos verdadeiros e emancipadores.

Isso revela que mesmo atribuindo um valor central ao mundo vivido e as experiências que marcam a vida de cada ser humano, Freire não despreza os saberes já elaborados e os conhecimentos sistematizados como recursos que ajudam a esclarecer a realidade existente e a transformá-la.

A pedagogia freireana insiste no papel ativo do educando no seu processo de aprendizagem, pois só assim o saber resultará como uma construção, e não mera assimilação. Porém, como a maioria dos modelos pedagógicos colocam o educador como o protagonista da educação, aquele que é portador do saber e transmite seus conhecimentos para um educando passivo, foi preciso redefinir qual o papel do educador no âmbito de uma pedagogia conscientizadora, crítica e da libertação.

O processo de alfabetização proposto por Paulo Freire implica a tomada de consciência crítica do sujeito, fazendo com que esse sujeito tenha uma visão crítica e organizada dos seus pensamentos, dando-lhe o poder de resgatar sua dignidade que fora

exaurida no longo processo de exclusão social durante a formação da sociedade. Para Freire, a educação libertadora precisa ser compreendida como um método de toda formação humana. É a própria redefinição do homem que está envolvida nesse processo educativo, um processo de conscientização que faz com que o indivíduo possa se reinventar a partir das contradições, pois será educado para superar os obstáculos, os limites e as contradições.

As técnicas do referido método acabam por ser a estilização pedagógica do processo em que o homem constitui e conquista, historicamente, sua própria forma: a pedagogia faz-se antropologia. Esta conquista não se pode comparar com o crescimento espontâneo dos vegetais: participa da ambiguidade da condição humana e dialetiza-se nas contradições da aventura histórica, projeta-se na contínua recriação de um mundo que ao mesmo tempo, obstaculiza e provoca o esforço de superação libertadora da consciência humana. (FREIRE, 2014, p.13).

A pedagogia de Freire reserva para o professor o papel de coordenador da ação educativa, fazendo uma parceria com o educando que deve ser o sujeito ativo e participante na construção do conhecimento. A sala de aula deve ser assumida como espaço de diálogo, não como lugar impessoal onde ocorre uma transmissão mecânica de saberes. Dessa forma, a escola passa a ser uma extensão da própria vida dos educandos, onde eles poderão reafirmar suas práticas culturais, refletir sobre elas e compreender criticamente o que deve ser mantido e o que é importante ser superado.

A escola deve ser um lugar de trabalho, de ensino, de aprendizagem. Um lugar em que a convivência permita estar continuamente se superando, porque a escola é o espaço privilegiado para pensar. Ele que sempre acreditou na capacidade criadora dos homens e mulheres, e pensando assim é que apresenta a escola como instância da sociedade. Paulo Freire diz que “não é a educação que forma a sociedade de uma determinada maneira, senão que esta, tendo-se formado a si mesma de uma certa forma, estabelece a educação que está de acordo com os valores que guiam essa sociedade” (1975, p. 30). A leitura da sociedade realizada por Freire estabelece uma divisão em que se reconhece a presença do oprimido e do opressor, mas enfatiza que por vivemos em uma sociedade de opressão cada indivíduo tem também essa marca do opressor em si mesmo, daí ser necessário superar inicialmente o opressor que reside em cada um, para então conseguirmos pela marcha popular libertar todos os homens.

5 . CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio foi um período em que busquei vincular aspectos teóricos com aspectos práticos. Foi um momento em que a teoria e a prática se mesclaram para que fosse possível apresentar um bom resultado. E, sobretudo perceber a necessidade em assumir uma postura não só crítica, mas também reflexiva da nossa prática educativa diante da realidade e a partir dela, para que possamos buscar uma educação de qualidade, que é garantido em lei.

De fato, não foi fácil esse estágio, encontrei diversas dificuldades, principalmente quanto à estrutura física da escola analisada, pois as salas eram pequenas. As experiências vivenciadas nesta etapa de observações do Estágio Supervisionado em Filosofia não poderiam passar despercebidas, sem deixar lições profundas. O contato imediato com o objeto de estudo é algo que surpreende, apesar de todos nós já termos passado por salas semelhantes, porém na condição de aluno. Voltar às salas com o olhar de quem procura compreender o processo de ensino, olhar de futuro professor, faz com que a experiência se torne ainda mais instigante e rica em atrativos reflexivos.

Para muitos estagiários, este pode ser o momento decisivo, onde realmente decidirão se é este tipo de profissão que pretendem seguir. Algo que é inimaginável no começo do curso. O contato com as salas de aulas e as deficiências do ensino público podem também assustar e passar uma má impressão à primeira vista, como de fato na maioria das vezes passa. Por outro lado, pode também estimular um espírito de engajamento político, social, pedagógico e filosófico. De qualquer forma, o estágio supervisionado é sempre algo essencial em diversos sentidos.

Ademais, o que resta é um saldo positivo desta experiência. E aos que pretendem continuar na profissão, não há hora melhor para se colocar no lugar do profissional observado e tentar desenvolver projetos que ajudem a sanar as deficiências observadas. Afinal, o ponto de vista de quem observa e critica é muito mais cômodo, sem a pressão da falta de recursos, tempo, gastos, compromissos e vida particular que o professor tem que administrar para conseguir dar as aulas.

Muitas vezes o professor torna-se uma pessoa insegura que se arma de regras por medo de errar, ele olha sempre para o passado, nunca para o futuro. Ao invés disso o que as escolas necessitam é de coragem e de visão de futuro para obter uma equipe de docentes criativos e realizadores. Para então haver motivação completa dos

alunos em ir à escola. Ao professor cabe uma tarefa nada fácil, qual seja a de buscar caminhos para a transformação social, que contribua com a aprendizagem do indivíduo. Através de apoio familiar ao adolescente adquire a maturidade emocional indispensável para as pré-aptidões das aprendizagens escolares. Amor, segurança, confiança, encorajamento e sucessos são indispensáveis à personalidade do jovem. Portanto para que o educando compreenda, assimile e obtenha o conhecimento é preciso que haja uma relação de dar e receber entre do professor e aluno. É o que a docente procurou e tentou fazer com suas turmas.

A experiência adquirida com a Prática do Estágio Supervisionado II, proporcionou uma reflexão sobre como é a realidade do docente em sala de aula, de onde foram tiradas lições que irão servir de base para o futuro professorado, em que precisamos melhorar nossos métodos de ensino para facilitar a vida dos discentes enquanto docente e aprendiz, sendo que a teoria não é suficiente, por isso necessita-se do estágio para uma prática eficaz.

Sabemos que o bom profissional não pode ficar estagnado no tempo, ele tem que estar sempre renovando. O professor deve sempre estar se aperfeiçoando de forma contínua, deve ser consciente de que ele é um agente transformador e que não pode estar à frente na formação de alguém se não levar a sério a sua própria formação. Precisa sair em busca de novos conhecimentos, precisa criar e recriar novas técnicas para que seus aprendizes não sejam meros repetidores e sim construtores de conhecimentos. Devemos ser verdadeiros com nossos alunos e acima de tudo com nós mesmos, pois estar em sala de aula é uma lição que temos a cada dia, e seu trabalho depende da ação, pois aprendemos e crescemos com os alunos e, estes por vezes, nos tem como espelho para a sua vida futura.

Portanto, esta disciplina Prática de Ensino, Estágio Supervisionado, proporcionou o contato com a prática social, e o convívio na Escola, criando condições para perceber os problemas inerentes à atividade docente, principalmente como o ensino da Filosofia está hoje sendo aplicado na Escola. Este Estágio foi de grande importância, para aprendermos com a realidade dentro da sala de aula, junto aos alunos e é claro, poder acompanhar o trabalho de um professor já formado, podendo ver os erros que não podemos cometer no futuro, servindo como lição de vida os futuros professores de Filosofia.

A filosofia é mais do que uma simples disciplina, ela possui um objetivo maior que a simples transmissão de conceitos ou de se situar na história. A filosofia no ensino médio, segundo Favaretto, visa desenvolver nos alunos um pensamento crítico vinculando problemas vivenciais e problemas filosóficos, proporcionando ao aluno um encontro com o desconhecido, satisfazendo seu desejo de conhecer. Entretanto, percebemos que se faz necessário no ensino médio, principalmente no noturno, um trabalho que vá de encontro às necessidades dos alunos e que consiga atender seus interesses. Deve haver uma integração entre os conteúdos e a realidade dos indivíduos, pois percebo que os alunos sentem necessidade de situar aquilo que estão aprendendo com a vida deles. O professor deve atingir os objetivos e interesses dos alunos mantendo o que havia programado e mantendo a mesma profundidade e abrangência dos temas, no entanto, ele precisa conseguir articular os assuntos propostos para a aula com as questões da experiência individual, social e cultural de cada aluno.

Finalizo afirmando que ajudou para melhor compreensão de como é o ensino de filosofia, além disso, possibilitou a análise, comparação e reflexão, mesmo que de um ponto de vista superficial, da situação educacional de uma escola pública do estado da Paraíba e de como se dá o ensino de filosofia nela.



UEPB

REFERÊNCIAS

FREIRE, P.& ILLICH, Ivan. *Diálogo*. In: Seminário Invitación A Conscientizar y Desescolarizar: Conversación permanente, Ginebra, 1974. Atas. Buenos Aires, Busqueda- Celadec. 1975.

_____. Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.

_____. Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro / São Paulo, Paz & Terra, 2014.

_____. Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários á prática educativa**. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. 2a ed.; São Paulo: Scipione, 1991.

_____. Moacir (Org.) *Paulo Freire: uma bibliografia*. São Paulo: Cortez, 1996.

